

Linguística aplicada no campo da globalização da língua inglesa *Applied linguistics in the field of the globalization of the english language*

Edinilce Ferreira Lima¹

Submetido em: 01/12/2022

Aprovado em: 01/12/2022

Publicado em: 05/12/2022

DOI: 10.51473/rcmos.v2i2.452

RESUMO

Este artigo tem como objetivo analisar a linguística aplicada no campo da globalização da língua inglesa na contemporaneidade. Na competência dessa reflexão, sugestiona-se, à explicação da linguística aplicada, contemplando o inglês como uma ferramenta idiomática da comunicação global, utilizada por distintas nações e culturas e por isso mesmo, aponta-se a inevitabilidade de reconsiderar, tal como o progresso da educação crítica que agem no sentido de descolonizar essa língua, com pontos de vistas que favoreçam o desenvolvimento de aprendizes críticos, para poder trabalhar com a diversidade linguística e suas causas modernas, cujas considerações são feitas por meio da língua inglesa, assim, solicitando a comunicação, quer seja oral, ou escrita, por dentro de uma língua desenganchada de suas origens. Metodologicamente, a investigação está organizada à luz da revisão bibliográfica assim, o processo de levantamento e análise qualitativa será demonstrado no que já foi publicado sobre a temática. Como principal aporte teórico destaca-se Moita Lopes (1996, 1998, 2006, 2009) Kumaravadivelu (2006), Celani (1998), e dentre outros autores, que sustentam à discussão da temática. É indispensável, ultrapassar as limitações suportadas por grande parte do trabalho elaborado em Linguística Aplicada (LA) até o presente momento, para que seja aceitável o começo de um lugar que beneficie um movimento constante de reflexão e ação ao redor da formação do futuro docente de linguagens, especialmente da língua inglesa.

Palavras-chave: Linguística Aplicada; Globalização; Língua Inglesa.

ABSTRACT

This article aims at analyzing applied linguistics in the field of the globalization of the English language in contemporary times. In the competence of this reflection, it is suggested, to the explanation of applied linguistics, contemplating English as an idiomatic tool of global communication, used by different nations and cultures and for that very reason, it is pointed out the inevitability of reconsidering, such as the progress of critical education that act in the sense of decolonizing this language, with viewpoints that favor the development of critical learners, to be able to work with linguistic diversity and its modern causes, whose consolidations are made through the English language, thus, requesting communication, whether oral or written, within a language unhooked from its origins. Methodologically, the research is organized in the light of the literature review, thus, the process of survey and qualitative analysis will be shown in what has already been published on the theme. As the main theoretical support, Moita Lopes (1996, 1998, 2006, 2009) Kumaravadivelu (2006), Celani (1998), and among other authors, who support the discussion of the theme, stand out. It is indispensable, to overcome the limitations supported by most of the work done in LA so far, in order to be acceptable the beginning of a place that benefits a constant movement of reflection and action around the formation of the future teacher of languages, especially of the English language.

Keywords: Applied Linguistics; Globalization; English language.

1 INTRODUÇÃO

1

A Linguística Aplicada (LA) tornou-se uma das áreas de maior destaque nas últimas décadas, uma vez que, tem se preocupado em analisar os problemas referentes à linguagem e, dessa forma, pode possibilitar o entendimento de inúmeros aspectos. Sendo principalmente o contexto de ensino e aprendizagem da língua inglesa. Efetivamente, a origem da LA diz respeito às buscas de conhecimento na língua inglesa. Esse novo âmbito de estudo da linguagem humana tem o seu início associado com o ensino de línguas nos Estados Unidos, especificamente no período da Segunda Guerra Mundial.

À vista disso, os primeiros linguistas aplicados propuseram-se a estudar assuntos acerca do ensino/aprendizagem da língua inglesa. Nessas observações, os linguistas aplicados se sentiram interessados pela precisão de se comunicar com os grupos aliados e os rivais. Nessa ocasião as informações da psicologia e da

¹ Graduação em Letras Português/Inglês pela Universidade Federal de Rondônia e Especialista em Alfabetização e Letramento pela mesma instituição. Contato: E-mail: nilcelim@hotmail.com

linguística começaram a fazer parte dos métodos do ensino de línguas. A LA já concedia indícios de um dos seus aspectos mais predominante, a questão interdisciplinar, contexto que debatemos mais adiante, sobre o desenvolvimento de ferramentas para o ensino de línguas desde a década de 1940.

Tradicionalmente, de forma oficial, a primeira faculdade de LA emerge em Edimburgo, na Escócia, no ano de 1958. Desta instituição saíram acadêmicos importantes como Davies, Widdowson e Pit Corder, este que futuramente, em 1973, disserta o popular *Introducing Applied Linguistics*. A LA progride em movimentos lentos e apenas em 1964 é formada a sua associação internacional (a AILA). No Brasil, a LA surgiu nos anos de 1960, com o intuito de aplicar e ministrar as teorias linguísticas. O professor Gomes de Matos é um dos precursores a versar sobre essa questão. Todavia, é nesse mesmo ano que a LA crava as suas raízes de forma legitimada, quando a professora Maria Antonieta Alba Celani, professora aposentada da PUC, cria um Programa de LA e Estudos da Linguagem, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Quando cita que as pesquisas na LA não se limitam somente ao ensino e à aprendizagem da língua inglesa, essa área também investiga e possibilita compreender as circunstâncias, nos quais a linguagem é configurada como uma peça principal.

Nessa lógica, Moita Lopes (2006, p. 19) ressalta que no Brasil, os estudos em LA têm se estendido para uma sequência de cenários distintos de aula de Língua Estrangeira (LE), na classe de aula da linguagem materna para as corporações, hospitais e para a delegacia de mulheres. O tema da pesquisa possui uma variedade de contextos de utilização da linguagem, passando a ser onisciente e erguida interdisciplinarmente.

Por conseguinte, a LA tem abrangido em seus registros o entendimento de diversos aspectos. Isso é provável, posto que, a característica é multidisciplinar. Desse modo, a LA possui a possibilidade de produzir aprendizagens, com base em acontecimentos factuais, que podem ser explicados através do diálogo e passando por todas as disciplinas.

De acordo Kumaravadivelu (2006), a particularidade diferente do período atual da globalização é o diálogo eletrônico, especialmente por conta da expansão de seu maior componente catalisador que é a internet. A mundialização da rede de computadores, em um pequeno momento, tornou-se “a máquina principal que está conduzindo as exigências da economia, bem como, as marcas da cultura e da língua”, além de ser matriz de um potencial quase infinito que coloca em comunicação milhões de pessoas de todos os lugares do mundo, em questão de segundos, na maior parte do tempo, usando o idioma da globalização, o inglês (KUMARAVADIVELU, 2006, p.131).

Em vista disso, sobretudo, a língua inglesa tornou-se uma *commodity* demasiadamente valorizada, principalmente em países como o Brasil, onde instruir e aprender inglês transformou-se em um grande negócio em volta da criação de um fetichismo importante, uma vez que, os inventores do marketing, rapidamente passaram a explorar esse cenário (RAJAGOPALAN, 2003, p. 115).

A língua inglesa é um mecanismo de comunicação da globalização, utilizada por povos e culturas diferentes. Destacando a necessidade de reconsiderar a evolução da educação crítica que age no sentido de descolonizar esse idioma, com a concepção de favorecer a geração de novos alunos, independentes e aptos para enfrentar e lidar com a diversidade linguística e as exigências contemporâneas, as quais estão estáveis por meio da língua inglesa, sendo uma língua que proporcione a comunicação entre as culturas existentes, e que autorize a manutenção das identidades dos falantes em ocorrências comunicativas.

Assim, vimos uma imensurável perspectiva no que tange à influência de poder conversar por meio do idioma global, atualmente tido como um passaporte importante para o sucesso profissional, com um aumento significativo de pessoas em escolas e instituições de idiomas, em aproximadamente todos os continentes. Desse modo, segundo Gimenez (2001, p. 296), “o inglês não é somente uma língua internacional, mas sim a língua do universo”, e caso nos recusemos a acreditar, poderemos perder uma grande chance de interagir com múltiplas pessoas e, com consequências diretas em nossas vidas.

Portanto, é possível entender com maior acessibilidade às tendências presentes nessa área de estudos, e de como o conhecimento desenvolvido nesse campo podem amparar nas pesquisas direcionadas para o ambiente de ensino/aprendizagem da língua inglesa, que visa analisar de maneira crítica os desdobramentos políticos e epistemologias, consequentemente, da presente organização mundial. Na seção seguinte, apresentamos reflexões da LA com o colonialismo e a decolonialidade da língua inglesa.

2 LÍNGUA, COLONIALISMO E DECOLONIALIDADE

Como declara o filósofo da linguagem Bakhtin, é por intermédio da palavra que as obras ideológicas são efetivadas. Do mesmo modo, por ser a palavra uma “sinopse das condutas discursivas tradicionalmente

construídas”, ela também é histórica, ideológica, e dispõe de uma luta social (BRAIT, 2008). Desta maneira, percebe-se que os costumes e as interferências não devem ser neutros; de outro modo, é essencial nos preocuparmos com as multiplicações das nossas obras no mundo social e na vida de outras pessoas. Por conseguinte, faz-se necessário fazer alguns questionamentos do papel que a linguagem desempenha no monitoramento e/ou na transformação dos relacionamentos de poder nas pesquisas.

À vista disso, prontamente contestam: “A língua não é subordinativa a esses acontecimentos; é importante para que possamos entendê-los”. Efetivamente, se refletirmos sobre a língua em sua historiografia e sua temporalidade, é capaz de discernimos elementos que contribuíram/contribuem fortemente para a manufatura e a repetição das diferenças e dessemelhanças sociais. Sabemos que existem várias pesquisas no âmbito da LA, como as perspectivas de a língua inglesa ser uma língua franca e das práticas translíngues que conseguem se afastar dos conceitos coloniais, como por exemplo, o construto de línguas como elementos separados ou de determinados classes de falantes como exemplos de primazia na utilização do idioma.

Dessa forma, identificam-se os pensamentos primordiais que sustentam a lógica colonial e moderna do inglês como língua franca e das suas práticas translíngues. Além da tensão das pessoas que estiveram no poder, é questionado sobre o que é considerado errado, bem como a direção do ensino/aprendizagem. Nessa perspectiva, vimos um comportamento de indisciplina epistêmica, pois ao contestar essa fundamentação dominante, existe uma tentativa de reconhecimento dos estudos de outros sujeitos (MIGNOLO, 2018).

A decolonialidade tem como finalidade acabar com esses padrões nas relações socioculturais, político-econômicas, étnico-raciais e de gênero/sexualidade que são impostas pela colonialidade a qual está no poder. Contudo, a conceitualização de colonialidade do poder (QUIJANO, 2000) explica os vínculos de colonialidade nos campos econômicos e políticos nos quais não terminaram com o término do colonialismo. Segundo Maldonado-Torres (2007), a colonialidade se apresenta em uma dimensão tripla, contendo: poder, saber e ser.

Pardo (2019) ressalta que sempre ocorrem questionamentos sobre o falante de o inglês ser americano ou britânico, por sua vez, demonstram questões de subordinação e de submissão, demonstrando o quanto a colonialidade ainda resiste no ensino da língua inglesa contemporânea. Ademais, o autor enfatiza sobre os indivíduos imitarem o modelo de falante nativo, geralmente o americano ou o britânico, uma tendência no ensino da língua e nos materiais pedagógicos os quais não “qualificam a diversidade de epistemologias, culturas e povos que são falantes da língua inglesa no mundo” (PARDO, 2019, p. 212).

Do ponto de vista subjacente, o inglês é originado como uma LE é perspectiva de ensino, dentre inúmeros princípios que realçam a relevância de aprender acerca das características culturais e da sociedade dos falantes nativos; com ênfase na metodologia dos conflitos de aprendizagem efetiva; reforço também na precisão de reproduzir a linguística do falante nativo (GRADDOL, 2006). Em outras palavras, quando o inglês é estudado e usado como LE, os aprendizes são incentivados a fazer o que o nativo faz, e são levados a concordar com a sua autoridade como distribuidores da língua inglesa (SEIDLHOFER, 2011).

Em concordância com Quijano (2000), todo usufruidor de uma língua é um indivíduo social, escritor e intermediário de uma determinada política de noção. O questionamento o qual nos cabe realizar, nesse caso, é sobre como a ciência ou política de significação adequa-se ao discurso. Dessa maneira, ao tentar identificar as politizações dos significados dominantes do discurso, precisa-se ponderar sem pressa a respeito dos conceitos discutidos como um senso comum, visto que, qualquer discurso manifestado naturalmente pode existir outrora partido de uma edificação fundamentalmente coercitiva.

Assim, é primordial explorar e reconhecer de onde iniciam as ideias e concepções. Se todo falante de uma língua é um colaborador e agente de uma política específica de significação, necessita-se estar atento às convicções as quais dão suporte aos discursos e as práticas educacionais e sociais.

Todavia, mesmo após encontrar uma pluralidade de concepções e entendimentos, já se sabe o quanto somente algumas são autênticas ao mesmo tempo que as outras são exiladas e silenciadas, pois algumas pessoas possuem a capacidade de falar sobre as suas próprias histórias, no entanto, outras não conseguem (HELLER; MCELHINNY, 2017, p. 12). Para exercitar essa observação epistêmica, é significativo desenvolver um discernimento com a finalidade de permitir diferenciar as atitudes, assim como, as histórias e as ideologias se intervêm. Heller e McElhinny (2017, p. 8) salientam que a ‘posição’ como uma forma de compreender de onde vêm as definições relevantes dos discursos e os tipos de divergências a qual elas podem se comunicar. Então, seria permissível constatar a maneira de consentir a hegemonia, ou, ainda, sobre a maneira de colaborar para o avanço das desigualdades.

Nesse sentido, há uma lógica para categorização dos indivíduos e dos conhecimentos sustentados pelo imperialismo cultural, que na ótica da concepção decolonial, é uma relação de subordinação entre culturas dominantes e dominadas, mediante a não-autenticação dos indivíduos e saberes pelas epistemologias relevantes.

3 RELAÇÕES DE PODER

O autor Maldonado-Torres (2007), no que se refere ao colonialismo, o tempo em que a autonomia de um povo estava nas mãos de outra nação acabou, mas o que foi concebido com a colonização dos povos e dos territórios, ou seja, a colonialidade existe e condiciona diversas pessoas, pensamentos e ações. Em outros termos, “embora o colonialismo preceda a colonialidade, ela continua a sobreviver ao colonialismo”.

Com relação à decolonialidade, para ser feita a transformação da realidade colonial, é fundamental sermos epistemologicamente insubordinados (MIGNOLO, 2018), isto é, precisa desobedecer aos padrões hegemônicos e eurocêntricos do conhecimento, com o propósito de conhecer os saberes e dos indivíduos os quais foram silenciados e invisibilizados pela colonialidade. A LA, contemporaneamente, instiga a analisar além dos limites e dos muros hasteados ao nosso redor, em outras palavras, a transgressão da visão do mundo parcialmente e eventualmente, ajudam a atravessar o “nosso mundo” e desafiar as “certezas interrompidas do diferente, não nos permitindo viver de outras formas e socializar”, percorrendo em direção à multiplicidade e à diferente forma de existir e de se comportar no mundo social (MOITA LOPES, 2006, p.92).

Por esse ângulo, ao entendermos o ser humano como parcial e incompleto, percebe-se que as nossas convicções não são constituídas como uma verdade absoluta, ou seja, nos possibilita um novo começo, ao diferente e ao desconhecido também. Logo, deixa-se de observar a diferença como uma incapacidade, e abre-se a oportunidade para a formação de novos espaços sociais mais diversificados, cheios de afinidades e de atravessamentos tanto locais como globais, demonstrando também como as culturas são híbridas e propulsoras, dada a dessemelhança das identidades e das mudanças culturais que as formam (ANDREOTTI, 2013).

O diálogo universal, ou intercultural e transcultural, são colocadas como um desafio essencial para a vida atual, em razão das trocas culturais serem reproduzidas diferentemente com o passar dos séculos, desse modo, resultando em uma estagnação e naturalização das injustiças sociais e dos processos de eliminação, contudo, ainda estão fortificados pela sistematização capitalista e neoliberal do mundo contemporâneo. Para Hall (2003), não há culturas localizadas fora da área de força dos vínculos de poder e de domínio cultural.

A dialética cultural encontra-se, sujeita à subordinação, e frequentemente aponta quem são os vencedores e vencidos. De acordo com Sousa Santos (2004), o trajeto histórico do modernismo ocidental se ampara no imperialismo cultural, em outras palavras, a relação de domínio e subalternidade entre culturas que são dominantes e dominadas, expondo séculos de relações desiguais culturalmente.

Nesta perspectiva, o sociólogo discorre sobre um questionamento necessariamente pertinente: “que oportunidades existem para uma comunicação intercultural, caso uma das culturas presencialmente seja esculpida por consistentes e violações prolongadas dos direitos humanos realizadas em nome de outra cultura?” (SOUSA SANTOS, 2004, p. 29).

Desta forma, caso os relacionamentos de poder revelam abusos e injustiças, domínio e censura, como se pode pensar em conversa, coexistência e horizontalidade? Com o poder nas pesquisas acadêmicas, subverter esses relacionamentos desiguais, a norma dominante, o posicionamento científico e a pressuposta neutralidade de nossos trabalhos, com a vantagem de proporcionar construções plurais e públicas que viabilizem a independência social, no sentido de gerar conhecimentos anti-hegemônico com base em outras percepções, objetivando colaborar com a “reinvenção da vida social” (MOITA LOPES, 2006b, p. 94).

Nessa lógica, Sousa Santos (2004, p. 26) faz a defesa da dependência entre as culturas e entre os meios de discernimento, a partir da consciência incompleta e mútua como a “situação *sinequa non* de uma comunicação intercultural”. O autor também recomenda um deslocamento de perspectivas, uma maneira de pensar na experiência social do sul universal não imperial como uma escolha para cessar com as maneiras hegemônicas de pensamento e de exercício, corroborando a complexidade de conhecimentos e de atividades entre eles.

4 LINGUÍSTICA APLICADA

4

Apesar do nome LA espontaneamente se remeter à aplicabilidade de conhecimentos linguísticos, ela não obrigatoriamente tem esse sentido. É incontestável que a expressão LA tenha sido utilizada inicialmente com essa finalidade, ainda que tardiamente vigente, a LA, ultrapassa tal alcance, porque ao compor conhecimento, a partir de condutas investigativas, têm afirmado, por diversos dados, que tudo que inclui a linguagem é mais complexo do que se pensa (ALMEIDA FILHO, 2005).

Ao dialogar sobre maneiras de se compreender a LA, argumenta-se que ela é uma das três ciências da linguística em conjunto com a Linguística e a Estética da Linguagem, sendo introduzidas na prática social

e real. Esse campo se divide em ensino/aprendizagem das línguas, traduções e interpretação, terminologias e lexicografias e as relações sociais/profissionais, evidencia-se que todas são intermediadas pela linguagem.

Moita Lopes (1996) ressalta que a LA é uma ciência social, dos quais o foco são as complicações da linguagem mostrados pelos usuários (ouvintes, falantes, escritores e leitores) de uma língua, num certo contexto social. Esse pesquisador também fala sobre a LA ser um tipo de pesquisa, porque faz o uso de métodos de apuração interpretativa, de natureza sobreposta em ciências sociais, de integridade interdisciplinar.

Em relação à característica da LA, muitos pesquisadores partilham do mesmo entendimento de que é um campo de pesquisas interdisciplinar. Nesta perspectiva, Celani (1998) faz um alerta para a ocorrência, pois não existem incertezas quanto ao caráter pluridisciplinar da LA. Em suma, a autora menciona a LA como transdisciplinaridade a partir da cooperação das disciplinas. Para Celani (1998), o transdisciplinar é um membro indispensável para designar a LA, embora, ocasione o estabelecimento de novos espaços de aprendizagem, por meio da interação, da convergência das disciplinas e dos conceitos.

Moita Lopes (1998) versa sobre a nitidez presente na LA, sendo a transdisciplinaridade um mecanismo de investigação, no qual a produtividade do conhecimento corta muitas disciplinas. Acerca do caráter interdisciplinar da LA, este se refere ao fato de um pesquisador detectar um problema da linguagem, numa estipulada prática social e, para aprender, pede ajuda a várias disciplinas que teoricamente possam auxiliar a questão. No entanto, em termos objetivos, o autor (2006) frisa que o caráter interdisciplinar da LA é consolidado com muita timidez, dentro do um limite da própria linguística, entre os pesquisadores que lidam com as limitações da Análise do Discurso, da Linguística Textual e da Análise da Conversação.

Segundo os apontamentos de Moita Lopes (1998), de outro modo, é que muitos pesquisadores influenciam na sua zona de conforto, limitando-se a entender certo problema de linguagem adentro do seu próprio território teórico, evitando encaminhar-se por outras áreas que não as suas, porque exceder os obstáculos disciplinares exige esforço e um grande pensamento crítico.

Em razão disso, Pennycook (1998) defende o assentimento de uma Linguística Aplicada Crítica (LAC) voltada para a resolução de problemas sociais, e, dado isso, a política, social e histórica, levando-se em conta as características sociais e históricas dos humanos pertencentes ao homem. Por isso, o autor (2004) determina que uma das principais finalidades da LA é pesquisar a origem ideológica do conhecimento produzido. As culturas e ideologias hegemônicas ordenam as desigualdades sociais e impossibilitam um pensamento sobre o mundo e suas possíveis modificações.

No mesmo pensamento, Kumaravadivelu (2006) expressa que a LA, atracada nos princípios pós-coloniais, não deve ter como propósito a procura de leis, mas sim do significado. Deste modo, com este tipo de pensamento, esse pesquisador aparenta sugerir a procura de linhas ideológicas nos parâmetros discursivos. Kumaravadivelu (2006) alega não existir texto ingênuo, porque todos eles são políticos, uma vez que, todas as normas discursivas são políticas.

No ponto de vista da autora Rojo (2006), o objetivo da LA não é mais desempenhar uma teoria em certo contexto, para fazer sua testagem, muito menos se resume à definição e à explicação de conceitos em certos contextos, mas sim à compreensão de algumas teorias emprestadas. Essa autora justifica que a LA procura por contestações teóricas para os problemas socialmente importantes e essas tais respostas precisam trazer benefícios para as práticas sociais e a seus participantes, incluindo a perspectiva de uma boa qualidade de vida.

Em concordância com Rojo (2006), neste seguimento, o propósito maior da LA é analisar os problemas relacionados à linguagem, socialmente apresentar o contexto, para (re)construir a vida social, por intermédio da produção de alternativas com a finalidade de favorecer os atos sociais. Posteriormente a breve comunicação sobre conceituações, tipos e objetivos da LA. Na próxima seção discorreremos sobre o ensino da língua inglesa e a LA.

4.1 O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA E A LINGUÍSTICA APLICADA

5

Pode-se dizer que a LA só surgiu no decorrer da Segunda Guerra Mundial, sendo preciso apurar meios de ensinar a língua inglesa. Desta maneira, fica irrefutável que a LA possui uma relação estável com a língua inglesa, pois, como já expressado, a sua origem se cruza com esse idioma universal. Portanto, seria arbitrário se a LA não amparasse a língua inglesa, especialmente nessa circunstância sócio-histórica, quando esse idioma alcança o padrão de língua global na atualidade. É um tipo de reconhecimento na qual a língua inglesa categorizou no princípio da LA. Sem hesitações, a LA não deve nada à língua inglesa, porque desde a sua criação tem facilitado a compreensão na sala de aula de língua inglesa e inúmeras condições referentes

a esse contexto.

Na listagem desses princípios, a LA tem atribuído, com as suas práticas investigativas, os inúmeros âmbitos de aprendizagem, compreender interdisciplinarmente os problemas de desinteresse, atitudes, sentidos, crenças, personalidades, metodologias, materiais didáticos, todos dentro do contexto de ensino/aprendizagem da língua inglesa, só para reportar alguns.

Desta maneira, pode-se ver o domínio da LA, sendo uma análise rápida demonstrando muitas pesquisas e publicações, aqui no Brasil, ocasionado por uma importante cooperação para o ensino/aprendizagem da língua inglesa, sem contar os números expressivos das dissertações e teses na área. Além disso, temos relevantes trabalhos de professores de segunda língua ou de LE, ao conciliar pesquisas produzidas por acadêmicos do programa de pós-graduação nos estudos linguísticos do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da UNESP, da área da LA (a obra retrata o estímulo à conduta de novas pesquisas na esfera da LA).

Quanto a Paiva (2006) ele conduz uma obra preparada por um grupo de professores do magistério superior, na qual a pesquisa debate inquirições referentes ao ensino da língua inglesa. É possível encontrar nos textos os temas diversos intrínsecos no processo de ensino/aprendizagem da língua inglesa, como por exemplo, as questões ideológicas e culturais. No ano de 2006 Barcelos e Vieira Abrahão se reuniram em trabalhos num congresso feito na PUC-SP, tendo o enfoque na crença acerca do ensino/aprendizagem de línguas.

Já em 2012 Scheyerl e Siqueira exibem ‘Materiais Didáticos’, com considerações apontadas para os problemas ideológicos contidos nos livros didáticos de língua inglesa. Os autores, resumidamente, constataram que o mundo não está sendo retratado da maneira na qual deveria estar sendo representada no livro didático de língua inglesa, pois é possível constatar uma existência ideológica a serviço do poder, uma ideologia colonialista e mercantilista.

No mesmo ano, Silva (2015) lança o segundo volume da coleção “A formação de professores”, que visa o objetivo do processo de ensino/aprendizagem de línguas e a preparação do professor. Em 2014, Oliveira apresentou “Métodos de ensino de inglês”, em que se trata de assuntos teóricos básicos do ensino/aprendizagem de línguas. A obra indica, ainda, que para as primeiras técnicas do ensino de LE e outras cinco técnicas alternativas.

A obra eleva-se como uma possibilidade de preencher a brecha dos licenciados em Letras, complementando a carência de materiais que tratem a teoria e a prática do ensino da Língua Inglesa. Como pode ser disso visto por essa breve explicação, em um pequeno período, existe uma ampla produção na área da LA, que tem ajudado o ensino/aprendizagem de língua inglesa, assegurando o papel da LA, de procurar entender e resolver os problemas no momento de aprendizagem da Língua Inglesa, em suas mais diversas particularidades.

Estas ações têm se articulado com a finalidade de fazer projetos com o objetivo de mudar um quadro, em muitos contextos, negativo, como é o ensino do inglês nas escolas públicas. Algumas pesquisas feitas sobre a temática da LA têm exposto, por exemplo, o ensino de inglês nas escolas públicas não possui nenhum progresso, na maioria dos casos os alunos reclamam do professor, o professor queixa-se do aluno, e os dois incriminam o Estado, representando o que Leffa (2011) designou como o ‘triângulo da frustração’.

Contudo, embora diversas pesquisas em LA já tenham identificado problemas no âmbito da aprendizagem, ainda sobra à luta pela implantação de políticas linguísticas para serem adaptadas ao currículo das universidades. Mais à frente dessa reflexão em torno dos incentivos da LA na sua subárea de ensino/aprendizagem da língua inglesa, ainda é plausível pensar sobre como a LA tem feito as suas pesquisas para ajudar no ensino/aprendizagem da língua inglesa. Desta forma, na próxima seção apresentamos sobre a globalização e o ensino da língua inglesa.

4.2 GLOBALIZAÇÃO E ENSINO DA LÍNGUA INGLESA

6

Comumente, a língua inglesa tem sido relacionada como à língua oficial da globalização, que tanto pode abranger como excluir os cidadãos. Sob essa perspectiva, Brydon (2011, p. 2) declara que “o inglês concede a entrada e a saída em um diálogo global e que está se deslocando em muitos tipos de fronteiras para gerar uma esfera pública universal”. Para a autora, a ilusão causada pela expressão neoliberal da globalização tem gerado vários efeitos, entre os quais “dominar inglês está se convertendo em uma nova espécie de letramento importante”, sendo estendido até mesmo aos países não anglófonos. Nesse sentido a relação da ótica epistemológica, com o ensino do inglês pode tornar-se um negócio, com base no panorama da educação como se fosse um serviço, com a meta de “aprontar” os discentes para a sociedade da educação.

Nessa conjunção, as escolas particulares de ensino de idiomas, atraem cada vez mais clientes, há muito tempo eles têm desfrutado da expressão mercadológica de que aprender inglês é uma superfície chave para o sucesso profissional. Ademais, as escolas de línguas e o mercado de livros didáticos têm melhorado os padrões do inglês nos países falantes de grande prestígio, ainda que a palavra “padrão” transporte a ideologia relativo à qualidade estabelecida entre as relações de poder, em outros termos, a variação da língua inglesa diz respeito ao poder econômico dos países falantes dessa língua (WIDDOWSON, 2010, p.145).

Dessa maneira, Silva (2015, p. 127) aborda um dos temas importante referente à “literatura maciça sobre a chamada ‘globalização’ e todos os debates sobre a relação com o capitalismo e democracia, mas que, todavia, a linguagem efetua um papel pequeno e secundário” nas pesquisas, especialmente no que concerne à conexão da “ideologia do individualismo e suas eficácias sobre como o inglês é especializado”. No Brasil, o arquétipo do inglês “cobiçável” favorece somente as variantes norte-americanas e britânicas, sob os impactos dos discursos da mídia social que sinalizam tais modelos, conforme os apontamentos por pesquisas coordenadas por Jordão (2009). Incoerentemente, enquanto a globalização programa a imagem da diversidade, que também implica na semelhança cultural, afetada pelo padrão global das atividades econômicas e do fluxo de artigos culturais do centro para o subúrbio (BLOCK; CAMERON, 2002). O contexto atual da globalização tem provocado incalculáveis resultados que abalam a sociedade moderna como um todo. Entre esses efeitos, destaca-se a atenuação de contradições entre os indivíduos e a necessidade iminente de comunicação entre eles.

Segundo Kumaravadivelu (2006, p. 131), “as vidas culturais e econômicas das pessoas no mundo todo estão se tornando cada vez mais excessivas e imediatamente interligadas”. É propriamente nesse cenário que a Língua Inglesa se destaca, proporcionando a interação entre diferentes povos.

Com o padrão de língua internacional, não existem dúvidas de que o inglês desempenha um lugar central nas pesquisas em LA. Nesse ponto de vista, um número eloquente de estudos voltados para as consequências pedagógicas e culturais decorrentes da ampliação da língua inglesa pelos quatro cantos do planeta está sendo aprofundado. De outro modo, Kumaravadivelu (2006, p. 143-144) comunica que existem empresas por parte dos líderes políticos e organizações profissionais, em muitas partes do mundo que querem ‘higienizar’ a língua inglesa de seus pertences culturais e políticos e focar no seu valor ferramental para a comunicação internacional e intercultural.

Sob essa perspectiva, o inglês pode ser visto como um idioma com diversos sistemas e múltiplas normas, que corresponde aos valores e afinidades plurais. Nos vocábulos de Seidlhofer (2011, p. 64), ele diz que ao destituírem da língua dos falantes não-nativos, eles adotaram a linguagem e fizeram uma adaptação própria com as suas próprias diligências de comunicação, logo, esse inglês não é o mesmo dos falantes nativos.

Perante este quadro, constata-se que a língua inglesa, tornou-se a língua global oficial, deve-se pautar em uma nova referência de ensino que ilustre a diferença, desafie as supremacias e busque por possibilidades de expressão e interpretação. É notório, a inserção dos vínculos interculturais transforma-se em um ensino imprescindível de língua inglesa almejando, propor uma estimulação a atenção dos aprendizes referente a outras culturas, auxiliando-os a diferenciar as variáveis socioculturais que sensibilizam o estilo de vida das pessoas e a intercomunicação e eficácia dependendo da maneira como, são culturalmente instruídas, as pessoas pensam e atuam.

No decorrer de todo processo de aprendizagem, os alunos têm a necessidade de se preparar para serem abertos para o diálogo, para trocar as experiências, e respeitarem as oposições, da mesma forma que se avaliam as suas opiniões e posturas. Esse comportamento possibilita a vivência intercultural e proporciona a junção dos elementos os quais são designados como complicados, sendo as relações entre o dominador/dominado, desenvolvido/subdesenvolvido, falante nativo/falante não-nativo, padrão/não-padrão, eu/outro (MENDES, 2008).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

7

Diante disso, nota-se que há uma multidão de vozes que suplicam por mudanças, e que lutam pela admissão, por parte de professores e pesquisadores, de novos aspectos que guiem as ações voltadas para o ensino/aprendizagem de Língua Inglesa. Por esse motivo, as formas de lecionar e aprender idiomas já não podem mais serem vistas como empresas isentas de conceitos ideológicos e políticas, dessa forma, os currículos de formação devem ser objetivos de modificação.

Para a ascensão de possibilidades teórico-metodológicas apropriadas, é necessário o professor ter a liberdade, inteligência e competência de pensar em relação às adversidades com as quais ele encontra no exercício

de sua função. Desse modo, converte-se urgentemente no declive da sugestão de aplicabilidade de métodos pré-estabelecidos persistentes em orientar normativamente os fenômenos da linguagem e tratar a cultura como uma coleção de características de determinados países ou grupos de falantes. Compete destacar, que não se recomenda uma renúncia de todas as diretrizes e normas, mas uma revisão de sua argumentação, e da teoria existente em um único arquétipo para atender todas as utilidades.

É indispensável, ultrapassar as limitações suportadas por grande parte do trabalho elaborado em LA até o presente momento, para ser aceitável o começo de um lugar que beneficie um movimento constante de reflexão e ação ao redor da formação do futuro docente de linguagens, especialmente o de inglês. Ademais, as concepções de ensino adotadas para o novo regulamento da língua franca global da Língua Inglesa e a evolução da habilidade intercultural dos professores em formação com medidas importantes, podendo levá-los a legitimar os hábitos reais de ensino direcionadas para a diversidade da Língua Inglesa de maneira mais crítica e clarividente na sua futura área de atuação.

Em virtude deste objetivo e nivelamento dos novos princípios da LA aqui manifestadas, fica evidente que o padrão de ensino proposto deve aprimorar o afastamento dos padrões linguísticos e culturais. Viabilizar espaços democráticos para os professores poderem indagar, problematizar, reexaminar, reformular e reestruturar os costumes correspondentes às verídicas necessidades dos aprendizes neste mundo onde os relacionamentos repercutem globalmente. O mundo se modificou, é para continuarmos a sobreviver às diversas adversidades advindas de determinados processos, dessa maneira, os estudiosos da linguagem precisam mudar também.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA FILHO, J.C.P. de. **Linguística aplicada, aplicação de linguística e ensino de línguas**. Campinas: Pontes, 2005, pp. 11-21.

ANDREOTTI, V.O. Conhecimento, escolarização, currículo e vontade de “endireitar” a sociedade através da educação. **Revista Teias**, v. 14, n. 33, pp. 215-227, 2013.

BRAIT, B. **Bakhtin: Conceitos-chave**. São Paulo, Editora Contexto, 2008.

BLOCK, D.; CAMERON, D. **Globalização e ensino de línguas**. Nova York: Routledge, 2002. p. 151-167.

BRYDON, D. **Necessidades locais, contextos globais: aprendendo novos letramentos**. Jundiaí: Paco Editorial, 2011.

CELANI, M.A.A. **Transdisciplinaridade na Linguística Aplicada no Brasil**. Mercado de Letras, 1998, pp. 129-142.

GIMENEZ, T. **Ensinando e aprendendo inglês na universidade: formação de professores em tempos de mudança**. Londrina: UEL, 2001. p. 191-201.

GRADDOL, D. **English Next: Porque o inglês global pode significar o fim do inglês como língua estrangeira**. O Conselho Britânico. Londres: The English Company (UK) Ltda, 2006.

HALL, S. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**, 1 ed., Belo Horizonte: UFMG, 2003.

HELLER, M.; McELHINNY, B. **Linguagem, Capitalismo, Colonialismo: Rumo a uma História Crítica**. Toronto: University of Toronto Press, 2017.

JORDÃO, C.M. **Apresentação: de rumos e passagens**. In: _____. A linguística aplicada no Brasil: rumos e passagens. Campinas: Pontes editores, 2016. pp. 11-13.

LEFFA, V. **Inglês em escola pública não funciona? Uma questão, múltiplos olhares**. São Paulo: Parábola, 2011.

8

KUMARAVADIVELU, B. **A linguística aplicada na era da globalização**. São Paulo: Parábola, 2006, p. 129-148.

MENDES, E. **Língua, cultura e formação de professores: por uma abordagem de ensino intercultural**. Campinas: Pontes, 2008, pp. 57-77.

MALDONADO-TORRES, N. **Sobre a colonialidade do ser: contribuições para o desenvolvimento de um conceito**. Bogotá: Universidade Javeriana-Instituto Pensar, Universidade Central-IESCO, Século do séc. Editores Man, 2007, p. 127-167

MIGNOLO, W. **O que significa descolonizar?** Durham: Duke University Press, 2018, p.105- 134.

- MOITA LOPES, L.P. **Afinal, o que é linguística aplicada.** Campinas: Mercado de Letras, 1996.
- MOITA LOPES, L.P. da. **A transdisciplinaridade é possível em linguística aplicada?** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998.
- MOITA LOPES, L.P. da. **Uma linguística aplicada mestiça e ideológica interrogando o campo como linguista aplicado.** São Paulo: Parábola, 2006a, pp. 13-44.
- MOITA LOPES, L.P. da. **Por uma linguística aplicada indisciplinar.** São Paulo: Parábola, 2006, pp. 45-65.
- MOITA LOPES, L.P. da. **Linguística Aplicada na modernidade recente.** São Paulo: Parábola, 2009, pp. 39-58.
- PAIVA, V.L.M.O. **Autonomia e Complexidade.** *Linguagem e Ensino*, v. 9, n. 1, p. 77-127, 2006.
- PARDO, F. Decolonialidade e ensino de línguas: perspectivas e desafios para a construção do conhecimento corporificado no cenário político atual. **Revista Letras Raras.** v.8, n. 3, 2019.
- QUIJANO, A. Colonialidad del poder y clasificación social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342-386, 2000.
- PENNYCOOK, A. **A Linguística Aplicada nos anos 90:** em defesa de uma abordagem crítica. Campinas: Mercado de Letras, 1998, pp. 129-142.
- PENNYCOOK, A. **Os limites da linguística aplicada.** São Paulo: Parábola Editorial, 2004, p. 3943.
- RAJAGOPALAN, K. **Linguística Aplicada:** perspectivas para uma pedagogia crítica. São Paulo: Parábola Editorial, 2003, pp. 105-114.
- ROJO, R.H.R. **A Linguística Aplicada em perspectiva sócio-histórica:** privação sofrida e leveza de pensamento. São Paulo: Parábola, 2006, pp. 253-276.
- SEIDLHOFER, B. **Understanding English as a lingua franca.** Oxford, UK/China: Oxford University Press, 2011.
- SILVA, D.N. **A propósito de Linguística Aplicada 30 anos depois:** quatro truísmos correntes e quatro desafios. D.E.L.T.A., 31-especial, pp. 349-376, 2015.
- SOUSA SANTOS, B. de. **Do pós-moderno ao pós-colonial: e para além de um e de outro.** Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra, mimeo, 2004.
- WIDDOWSON, H.G. **Explorações em linguística aplicada.** Oxford: Universidade de Oxford Imprensa, 2010. p.226-238.